

N^o 62

Coleção

TEXTOS ACADÊMICOS

Ano 2

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

A PAULICÉIA DESVAIRADA NUMA PERSPECTIVA DIALÉTICA

Maria Evilnãrdes Dantas Petrauskas



Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Departamento de Filosofia, História e Geografia

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA, HISTÓRIA E GEOGRAFIA

A PAULICÉIA DESVAIADA
NUMA PERSPECTIVA DIALÉTICA

MARIA EVILNARDES DANTAS BETRAUSKAS

Trabalho submetido à Universidade Federal do Rio Grande do Norte, com o objetivo de cumprir os requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Filosofia e Pedagogia, sob a orientação do Professor Assistente titular da classe de Professor Assistente.

PRO-REITORIA PARA ASSUNTOS DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

PROGRAMA DE ESTÍMULO AO TRABALHO DE PESQUISA

NATAL, JANEIRO DE 1982



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA, HISTÓRIA E GEOGRAFIA

A PAULICÉIA DESVAIRADA
NUMA PERSPECTIVA DIALÉTICA

MARIA EVILNARDES DANTAS PETRAUSKAS

Monografia submetida à Universidade Federal do Rio Grande do Norte, conforme Res. nº 30/81 do CONSEPE, para fins de processo seletivo objetivando a inclusão de Auxiliares de Ensino e Professores Colaboradores na referência inicial da classe de Professor Assistente.

PRÓ-REITORIA PARA ASSUNTOS DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA
PROGRAMA DE ESTÍMULO AO TRABALHO INTELECTUAL

NATAL, JANEIRO DE 1982



PRÓ-REITORIA PARA ASSUNTOS DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA
PROGRAMA DE ESTÍMULO AO TRABALHO INTELECTUAL
COLEÇÃO TEXTOS ACADÊMICOS, 62

REITOR: Prof. Diógenes da Cunha Lima

VICE-REITOR: Prof. Esequias Pegado Cortez Neto

PRÓ-REITOR DE EXTENSÃO: Prof. Pedro Simões Neto

COORDENADORES DO PROGRAMA: Heloísa Carmen Lordão Monteiro

Maria Salete Pereira da Silva

João Afonso do Amaral

EQUIPE DE APOIO: Jacinta Leite de Oliveira

Pedro Gutemberg Pinheiro de Souza

Roberto Anderson da Silva

José Tavares Filho



Petrauskas, Maria Evilnardes Dantas.

"A Paulicéia Desvairada" numa perspectiva dialéctica. Natal, PRAEU, 1982.

56f.

Monografia (concurso) Univ. Fed. Rio Grande do Norte.

1. Literatura brasileira - Poesia - Crítica e interpretação - Monografias.
2. Paulicéia Desvairada - Crítica e interpretação - Monografias.
3. Historiografia - Monografias. I. Título.

CDU 869.0(81).09-1(043.3)

A Universidade Federal do Rio Grande do Norte mantém um programa de estímulo ao trabalho intelectual que nasceu da necessidade de valorizar e difundir a produção intelectual acadêmica. Consiste, basicamente, na reunião de todas as dissertações, teses e monografias elaboradas por Professores da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, num espaço físico a que denominamos "Banco de Estudos Universitários" e que serve como fonte de consulta à toda comunidade acadêmica.

A partir da classificação desses trabalhos, uma comissão composta por membros do Conselho Editorial e representantes dos departamentos acadêmicos, seleciona obras representativas de suas áreas, para publicação.

O programa prevê a edição de duas coleções: Estudos Universitários, com livros impressos em off-set pela Editora Universitária e Textos Acadêmicos, reproduzidos pelo sistema de mimeógrafo, pelo grupo técnico da coordenação do programa, na sede da Pró-Reitoria para Assuntos de Extensão Universitária.

A UFRN pretende editar cerca de 400 títulos através das duas coleções, ao mesmo tempo em que publica um Catálogo Geral, demonstrativo de todo o esforço intelectual da comunidade universitária norte-rio-grandense.

É um programa ambicioso, mas simples e concreto como a vontade de fazer. Na medida em que estabelece um volume quantitativamente ousado de títulos para publicação, adota uma definição técnica no mínimo humilde para realizá-lo: a opção do mimeógrafo para a maioria das edições.

Há de ser reconhecido que a produção intelectual das Universidades tem sido dirigida para objetivos que escapam à produção ou transmissão de conhecimentos: promove currículos acadêmicos, ou é confinada em prateleiras. Em ambas as hipóteses, o ineditismo dos trabalhos conspira contra os seus verdadeiros desígnios.

Nosso programa atende ao objetivo maior de difundir o conhecimento assimilado ou produzido pela Universidade, revalorizando o esforço intelectual dos professores ao mesmo tempo em que estimula a sua aplicação. E nenhuma outra pretensão nos orienta.

Diógenes da Cunha Lima
Reitor

DEDICATÓRIA

A Maria da Glória, minha mãe, existência marcada pelo espírito de renúncia, dedicação e ternura, exemplo verdadeiro do mais digno dos sentimentos, toda a minha gratidão.

AGRADECIMENTO

Ao Prof. Franco Jasiello, cuja valiosa colaboração contribuiu de forma expressiva na realização deste trabalho.

A Maria de Glória, minha mãe, existencialmente marcada pelo
 espírito de renúncia, dedicação e ternura, exemplo verdadeiro de
 dignidade dos sentimentos, tua e minha gratidão.

*"Afirmativa de amor à terra, amor sofrido, amargo,
 mas profundamente sentido".*

- o -

*"É noite. E tudo é noite. E o meu coração devastado.
 É um rumor de germes insalubres pela noite insoneável
 humana".*

Mário de Andrade

À Prof. Franco J. de Azevedo, cuja valiosa
 contribuição de forma expressiva na realização deste trabalho.

ÍNDICE

Pág.

I - INTRODUÇÃO

II - DESENVOLVIMENTO

1. INSPIRAÇÃO.....	07
2. COLLOQUE SENTIMENTAL.....	15
3. PAISAGEM Nº 4	20
4. ODE AO BURGUESES.....	25
5. MÁRIO DE ANDRADE: POESIA, PENSAMENTO.....	41

III - CONCLUSÃO

IV - BIBLIOGRAFIA

I. INTRODUÇÃO

"A "Paulicéia Desvairada" Numa Perspectiva Dialética" constitui tema de vasta amplitude, haja vista que abrange os mais diversos aspectos da nossa realidade, proporcionando uma escolha condizente com os interesses individuais desde de que não se perca de vista a linha condutora do trabalho, buscando assim através de pressupostos teórico-metodológico, uma retomada da História sob uma perspectiva "dialética".

O objetivo primordial desta pesquisa consiste numa análise dialética da obra "Paulicéia Desvairada", representada pelos poemas "Inspiração", "Colloque Sentimental", "Paisagem nº 4" e "Ode ao Burguês", os quais expressam aspectos relevantes da conjuntura global da Primeira República. Este trabalho visa encontrar uma verdade histórica através de um estudo crítico destes poemas, com a finalidade de compreender o significado desta obra diante da complexidade do momento histórico.

A existência de uma farta documentação sobre a "Paulicéia Desvairada", num enfoque literário, provoca a abertura de um leque de indagações a respeito do caráter estético dos poemas. Entretanto, esta pesquisa não se restringe ao aspecto literário especificamente, sua razão principal é o resultado da ausência de elementos genericamente dirigidos a interpretações factuais que nos permitam um embasamento histórico desta obra.

A "Paulicéia Desvairada" para a literatura brasileira significa o estopim de uma nova fase literária - a modernista, cuja definição englobando todas as suas relações e características peculiares, constitui difícil tarefa para o historiador, uma vez que os próprios críticos literários apresentam o processo modernista nas mais variadas cono

tações, muitas vezes divergindo ou se identificando em seus posicionamentos.

A realidade é que o fenômeno literário não pode ser compreendido se o encararmos como um "fenômeno abstrato", sem qualquer ligação com o seu contexto, mas como um processo literário que acompanha em sua forma diacrônica todo o desenvolvimento histórico, político-social de uma sociedade.

Existem infinitudes de controvérsias a respeito dos fatores que seriam responsáveis pelas mutações da literatura. Não resta menor dúvida que sempre haverá idéias dominantes em determinados períodos histórico-cultural, entretanto, torna-se difícil detetar na prática, a linha de pensamento para cada momento determinado e os fatores que propiciaram sua evolução.

A "Paulicéia Desvairada", escrita pelo poeta Mário de Andrade simboliza este momento, esta fase de transição na literatura brasileira. Seu desenvolvimento divide-se em cinco partes. Os poemas são analisados numa perspectiva literária, dando enfoque ao aspecto histórico, político-social. Por outro lado o pensamento e a poesia de Mário de Andrade, apresentam como ponto básico o seu papel na revolução literária modernista e na totalidade da Sociedade Brasileira.

As obras consultadas na realização desta pesquisa encontram-se: no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade do Estado de São Paulo; Arquivo do Estado de São Paulo; Biblioteca Central da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Os instrumentos utilizados para a elaboração deste trabalho foram: a técnica do fichamento para as leituras de livros, jornais, revistas e entrevistas com pesquisadores.

1. INSPIRAÇÃO

No Teatro Municipal durante o segundo festival da Semana de Arte Moderna, sob intensa vaia, Mário de Andrade declama cheio de emoção um dos seus poemas, o "Inspiração". (1) Este poema é o primeiro da obra "Paulicéia Desvairada", livro de canto à sua cidade natal, um verdadeiro culto à sua terra, onde seus maiores defeitos lhe parecem admiráveis qualidades. (2)

São Paulo! comoção de minha vida...

Os meus amores são flores feitas do original...

Arlequinal! Traje de losangos... cinza e ouro... (*)

Luz e bruma... Forno e inverno quente...

Elegâncias sutis sem escândalos, sem ciúmes...

Perfumes de Paris... Arys!

Sofetada lírica no Trianon... Algodoad!

São Paulo! comoção de minha vida...

Galicismo a berrar nos desertos da América! (3)

* A palavra-chave do livro, arlequinal que faz saltar aos olhos a babel de retalhos coloridos em que se transformava a pacata e provinciana São Paulo. Agora, encruzilhada das velhas famílias bandeirantes com os milhares de italianos, alemães, sírios e judeus aqui chegados desde os fins do século XIX, a cidade mudara de fisionomia e passara a ser um núcleo industrial com um operariado numeroso e uma classe média em crescimento. A nova situação afetara as relações humanas, os costumes e, sobretudo a linguagem. Cf. Alfredo Bosi. História Concisa da Literatura Brasileira. SP. Difel. 2ª ed. 1977. p. 394.

Neste período a cidade de São Paulo absorve transformações profundas em sua superestrutura, decorrentes da mudança do modo de produção vigente. Seu caráter provinciano vai sofrendo modificações motivadas pela transferência do polo hegemônico agro-exportador para a industrialização, além da diversificação de ideologias infiltradas no Brasil resultantes da entrada de imigrantes. Esta transição da economia nacional altera o quadro das relações (sociais) de produção, dando origem à formação de novas classes sociais e à modernização do país. Ocorre a provável substituição da mão-de-obra escrava pela especializada, a introdução de novas técnicas, o desenvolvimento do mercado interno, a expansão das estradas de ferro, a ampliação dos portos, a consolidação da indústria, o surgimento de uma classe burguesa e de um proletariado.

Retrata o poema, composto de versos livres, a cidade de São Paulo, espiritualmente mais moderna do que a do Rio de Janeiro, devido aos frequentes contatos com centros comerciais e industriais europeus, (4) bem como ao intercâmbio de idéias resultantes de informações obtidas pela aristocracia cafeeira, que continuamente estudava e visitava a Europa e Estados Unidos. (5) O Rio era muito mais internacional como norma de vida exterior: porto do mar e capital do país, possuía assim um internacionalismo ingênito. São Paulo era espiritualmente muito mais moderna porém, fruto necessário da economia do café e do industrialismo consequente:

Caipira de serra-acima, conservando até agora um espírito provinciano servil, bem denunciado pela sua política, São Paulo estava ao mesmo tempo, pela sua atualidade comercial e sua industrialização, em contato mais espiritual e mais técnico com a atualidade do mundo. (6)

As influências estrangeiras (francesas) também são decantadas em seus versos, refletindo a situação de dependência do Brasil tanto em termos estruturais como superestruturais. Como sociedade capitalista dependente, absorvendo o acervo cultural europeu, sentiria o país ore

flexo das manifestações estrangeiras em sua superestrutura.

São Paulo, centro industrial, centro de transformação econômica, torna-se ponto de partida de um movimento que revoluciona as letras brasileiras. (7) É neste ambiente cheio de contradições, incoerências e efervescências, que Mário de Andrade, em 1920, dá os primeiros passos de uma revolução literária (8), apresentando através de seus poemas o desejo de libertação da poesia, * a qual impregnada de um nacionalismo exaltado seria a expressão máxima de um sentimento de revolta a esta dependência. E ao contrário do que teorizou Mário:

A escolha de São Paulo como palco da Semana de Arte Moderna não teria decorrido do espírito provinciano da então Capital da República, ontem e hoje (e sempre) o principal e mais dinâmico centro de captação e irradiação culturais do Brasil. Mas ... certamente porque as fontes de financiamento determinaram a realização do espetáculo em São Paulo. (...). (9)

O poema "Inspiração", pertence à "Paulicéia Desvairada", livro de versos com um "Prefácio Interessantíssimo", o qual explica as tendências novas. (10) Seu autor, o poeta Mário de Andrade teve a glória de ser um dos "precursores do verso livre" no Brasil (11) e um dos "artistas que principiaram a usar sistematicamente nos livros a língua chamada nacionalista, libertando o estilo literário brasileiro das regras gramaticais portuguesas". (12) A Paulicéia mesmo com seus "inúmeros defeitos e falhas é livro que marcou e ainda continuará a marcar por certo tempo

* A herança européia transmitida e convertida em força poderosa de influência, não foi futurismo. O que nos veio da Europa - esclarece - foi o verso livre, foi a coragem de romper com a sintaxe convencional, foi o despojamento do falso poético, foi o humor, foi o direito de trocar a imagem comparativa ou alegórica pela imagem direta, foi a valorização dos qualificativos, etc. Mas, porém do que influência técnica houve influência do espírito. Revolucionou-se o conceito de poesia. Depois de 22, a poesia passa a ser sobretudo emoção. Cf. José Aderaldo Castello. Métodos e Interpretação; SS. Conselho Estadual de Cultura, 1965.

um lugar definitivo na literatura nova brasileira, por ser uma das 1^{as} obras que se publicaram naquele gênero".(13)

Em seu "Prefácio Interessantíssimo", o qual constituiu-se a verdadeira plataforma da nova revolução estética, afirma o poeta ter fundado o desvairismo: "nessa poética aberta há afinidades com a teoria escrita automática que os surrealistas pregavam como forma de liberar as zonas noturnas do psiquismo, únicas fontes autênticas da poesia. Ao ditado do Inconsciente viriam depois juntar-se as vozes do intelecto:

Quando sinto a impulsão lírica escrevo sem pensar tudo o que o meu inconsciente me grita. Penso depois: não só para corrigir, como para justificar o que escrevi. Daí a razão dêste Prefácio Interessantíssimo.(...). Um pouco de teoria? Acredito que o lirismo, nascido no subconsciente, acrisolado num pensamento claro ou confuso, cria frases que são versos inteiros, sem prejuízos de medir tantas sílabas, com acentuação determinada. (14)

Para Mário de Andrade, escrever arte moderna não significa jamais representar a vida atual no que tem de exterior: automóveis, cinema, asfalto. "Se estas palavras frequentam o livro, não é porque pense com elas escrever moderno, mas porque sendo meu livro moderno, elas têm nêle sua razão de ser.(...)". (15)

Críticos literários divergem quanto à natureza desta obra e a afirmam que a "Paulicéia Desvairada" é um livro impressionista. O desvairismo é escrever sem pensar tudo o que o inconsciente grita quando explode o acesso lírico. (16) Como também que:

Não é um livro que tenha sido composto na intenção de ser moderno. Nem mesmo na sujeição de qualquer sistema técnico. São poemas impressionistas, intuitivistas, desvairistas. Numa grande comoção de ternura e sarcasmo, o poeta cantou, chorou, riu e berrou, como confessa no Prefácio Interessantíssimo. (17)

Ainda no "Prefácio", Mário perguntava: Minhas reivindicações? - Liberdade. Uso dela: não abuso... .."Ora, só um homem equili-

brado e que, como Honório Hermeto, conserva a "cabeça fria", pode reivindicar a liberdade para usar dela, não para abusar...". (...). (18)

E outra diferença, esta capital, está em que:

Enquanto a maior parte dos outros identificava o Modernismo com a total abolição da técnica, Mário de Andrade dela fazia seu "cavalo de batalha". Foi essa a dominante profunda de sua crítica, e só quem pode compreender o que isso significa saberá avaliar devidamente a importância de seu papel na literatura brasileira. (19)

Pode-se constatar através de sua obra, que foi a "técnica" a preocupação essencial de Mário de Andrade, não só como crítico, mas como escritor. Não a técnica no seu sentido mais restrito do artesanato, mas a técnica em seu conceito psicológico, tal como ele próprio a definiu:

Será preciso ter sempre em conta que não entendo por técnica do intelectual simploriamente o artesanato de colocar bem as palavras em juízos perfeitos. Participa da técnica, tal como eu a entendo, dilatando agora para o intelectual o que disse noutra lugar exclusivamente para o artista, não somente o artesanato e as técnicas tradicionais adquiridos pelo estudo, mas ainda a técnica pessoal, o processo de realização do indivíduo, a verdade do ser nascida sempre da moralidade profissional. (20)

A verdade é que essa "técnica intelectual" é que sempre o preocupou, seja na revolução estética do Modernismo, seja nas suas pesquisas sobre a língua,..." (21)

Mário de Andrade "conservou sempre" a "cabeça fria" no meio dos maiores exageros modernistas, e que:

Enquanto seus companheiros se entregavam dionisiacamente a um entusiasmo que, conforme já foi observado, "nada tinha de autenticamente inovador", ele jamais deixou de condicionar seus entusiasmos à tarefa de construção que sempre lhe pareceu com toda a razão, mais importante. No meio da

aparente desordem do prefácio da Paulicéia Desvairada e de A Escrava Que Não É Isaura, o que existe é uma teoria estética que se constrói lenta e seguramente e que se mantém, em toda a vida do escritor, coerente com ela mesma. (22)

12. O Poeta Lírico de Andrade: Sérgio Milliet, Rio de Janeiro, 1954.

13. ANAGRADE, Sérgio. Poesias Completas, t. 32, Rio de Janeiro, 1954.

14. REVISTA NOTABIL, São Paulo - Rio de Janeiro, Jan-fev.

15. O Estado de São Paulo, Suplemento Literário, São Paulo, 2/2/54.

16. ANAGRADE, Sérgio. Aspectos da Literatura Brasileira, 2ª ed., São Paulo, Livraria Martins Editores, 1953, p. 233.

17. CARNE, Lúcio Salles. Antologia Contemporânea Brasileira, São Paulo, 1951.

18. BASTOS, Humberto. Os Três Círculos do Poeta de Sérgio de Andrade. Opúsculo dos Textos Associados, 3/10/1953.

19. JACO, Leão. Modernismo e Modernidade. Rio de Janeiro, Livraria São José, s.d., p. 23.

20. A TRIBUNA, Domingo, 24/02/1954.

21. Idem.

22. Idem.

23. NEGRÃO, Paulo e Miriam. O Poeta Lírico de Andrade, Rio de Janeiro, 1953.

24. BASTOS, Humberto. História Geral da Literatura Brasileira, 2ª ed., São Paulo, Editora Cultrix, 1957, p. 291 e 292.

01. ANDRADE, Mário. O Movimento Modernista. Rio de Janeiro, Casa do Estudante, 1942. p. 15.
02. O Poeta Mário de Andrade: Sérgio Milliet.
03. ANDRADE, Mário. Poesias Completas. p. 32.
04. REVISTA DO BRASIL. São Paulo - Rio de Janeiro. Jan-abril.
05. O Estado de São Paulo. Suplemento Literário. São Paulo, 27/02/1972. nº 761. p. 4.
06. ANDRADE, Mário. Aspectos da Literatura Brasileira. 4ª ed. São Paulo, Livraria Martins Editora, 1972. p. 236.
07. CUNHA, Dulce Salles. Autores Contemporâneos Brasileiros. São Paulo, 1951.
08. BASTOS, Humberto. Os Tres Ciclos da Poesia de Mário de Andrade. Copyright dos "Diários Associados". 07/05/1943.
09. IVO, Ledo. Modernismo e Modernidade. Rio de Janeiro, Livraria São José, s.d. p. 26.
10. A TRIBUNA. Domingo. 24/02/1946.
11. Ibidem.
12. Ibidem.
13. MEDEIROS, Paulo e Albuquerque. O Poeta Mário de Andrade. Estado. 11/02/1942.
14. BOSI, Alfredo. História Concisa da Literatura Brasileira. 2ª ed. São Paulo, Editora Cultrix, 1977. p. 391. e 392.

15. Ibidem, p. 392.

16. ARVORE NOVA. Outubro de 1922.

17. Ibidem.

18. MARTINS, Wilson. A Critica Literária no Brasil. p. 108.

19. Ibidem, p. 101.

20. Ibidem, p. 101.

21. Ibidem, p. 107.

22. Ibidem, p. 107.

2. COLLOQUE SENTIMENTAL

Nos poemas da "Paulicéia Desvairada", os dramas humanos são retratados com suavidade. A poesia de Mário não é angustiada, muito em bora "revele o problema de culpa e denote conflito ali latente, sugere a solução do amor integral".(23) É uma espécie de "bomba do tempo, que inquietou muita gente e assinalou um passo definitivo na vida literária do seu autor". (24)

Em "Colloque Sentimental", as contradições entre as classes sociais do Brasil são demonstradas através da formação dos bairros da cidade de São Paulo, os quais, em função da constituição da sociedade de classes, apresentam-se simétricos:

Enquanto a massa de imigrantes se concentra nas várzeas, bordando as faces sul e leste do maciço paulistano, vão surgindo neste os bairros residenciais que sobem as en costas em busca de terrenos altos e saudáveis (Higienópolis) até atingir o alto espigão, onde se abre a Avenida Paulista. (25)

Tenho os pés chagados dos espinhos das calçadas...
Higienópolis!... As Babilônias dos meus desejos baixos...
Casa nobre de estilo... Enriqueceres em tragédias...
 Mas a noite é toda um véu-de-noiva ao luar!
 A preamar dos brilhos das mansões...
 O jazz-band da cor... O arco-iris dos perfumes...
 O clamor dos cofres abarrotados de vidas...
Ombros nus, ombros nus, lábios pesados de adultérios...

E o rouge cogumelo das podridões...

Exércitos de casacas eruditamente bem talhadas...

Sem crimes sem roubos o carnaval dos títulos...

Se não fosse talco adeus sacos de farinha!

Impiedosamente...

A cidade de São Paulo começa a crescer em ritmo acelerado com a consolidação da indústria nas primeiras décadas do século XX. De um lado delinea-se:

Um ininterrupto suceder de pequenas habitações, qua se sempre térreas e sem nenhum jardim à frente, geralmente geminadas (duas a duas, quatro a quatro), todas mais ou me nos iguais, de estilo pobre ou indefinível. Estendem-se as sim, em sua monotonia e em sua humanidade, em filas intermi náveis que chegam a ocupar quarteirões inteiros. No meio delas, porém, surge de vez em quando a pesada característi ca fachada de uma fábrica ou, então, pequenas oficinas ou fabriquetas. (26)

Do outro lado, residência e trabalho estão separados, a tris te uniformidade desaparece, despontando as construções onde se reúnem:

Desde a pureza de uma fronteira fria à normanda, dos arabescos sinuosos e ilógicos da arte-nova, até o riso nho "cottage" inglês; do pontegudo dos chalés da neve aos alpendrados espanhóis, às cúpulas e minaretes orientais, às varandas cobertas do norte, às vilas graciosas da Itália, às galerias do Renascimento, ao exagero do barroco ou do plateresco, ao rústico suiço, até a horrível simetria esbu racada do estilo pombalino, pesado e bruto. (27)

Neste poema, a aristocracia cafeeira é retratada em todo es plendor de uma vida sofisticada com suas tradições, títulos, recepções e hairros suntuosos, onde não existe crimes nem roubos, mas um carnaval de títulos mascarando as vicissitudes...

- Cavalheiro... Sou conde! - Perdão.

Sabe que existe um Braz, um Bom Retiro?

- Apri! Respiro... Pensei que era pedido.

Só conheço Paris!

- Venha comigo então.

Esqueça um pouco os braços da vizinha...

- Percebeu, hein! Dou-lhe gorgeta e cale-se.

O sultão tem dez mil... Mas eu sou conde.

No final do século XIX começam a surgir os bairros dos operários, local de instalação de fábricas e moradia dos trabalhadores:

A cidade se implantara no interior de um maciço, cercado de planícies varzeozas e insalubres. Sujeitas as inundações do Tamanduateí e do Tietê. Estas planícies foram se integrando ao núcleo urbano, na medida em que iam sendo atravessadas pelas estradas de ferro - a Inglesa, a São Paulo - Rio de Janeiro, a Sorocabana. O baixo preço dos terrenos e proximidade das estações ferroviárias atraíram para o Brás, o Bom Retiro, a Moóca, as novas indústrias e muitos dos imigrantes recém-chegados. (28)

Assim, agasalhando numerosas famílias de operários, participando de sua vida cotidiana (o aumento do custo de vida, salário baixo, dificuldade de moradia, altos preços dos gêneros alimentícios, instabilidade de emprego e prostituição), bairros como o Brás, Bom Retiro, e Moóca vivem as incertezas do operariado e escutam continuamente a "mirra dos martírios inconscientes".

Mário procura mostrar a patriarcal e tradicional aristocracia cafeeira uma outra face desconhecida da realidade brasileira, o Brás e o Bom Retiro, ignorada por esta classe dominante, que dividia seu tempo em suas fazendas e em Paris.

Em seus versos, Mário retrata a classe dominada buscando contato com a aristocracia cafeeira através da prostituição, e a rejeição

desta diante de sua alienação pelos seus problemas econômicos-sociais. O poeta "vibra diante dos dramas obscuros da metrópole cosmopolita", demonstrando uma doce ternura pela cidade de São Paulo. (29)

- Vê estas paragens trevas de silêncio...

Nada de asas, nada de alegria... A lua

A rua toda nua... As casas sem luzes...

E a mirra dos martírios inconscientes...

- Deixe-me pôr o lenço no nariz.

Tenho todos os perfumes de Paris!

- Mas olhe, embaixo das portas, a escorrer...

Para os esgotos! Para os esgotos!

- a escorrer

- um fio de lágrimas sem nome!... (30)

Na terceira parte do poema, o poeta apresenta a realidade da classe dominada através de um silêncio, do martírio dos inconscientes, dos esgotos, enfim da podridão humana e de suas lágrimas sem nome...

Mário é o poeta da cidade-rua, da cidade pública. Ele não sabe sofrer as alcovas, admitir a penumbra que os simbolistas chegaram ao auge de provocar artificialmente fechando as janelas, asfixiando-se às vezes... Mário sente uma necessidade imperiosa de ar, de movimento, de liberdade. Ele vive, ele mora nas ruas. A cidade inteira pertence-lhe com todos os dramas e comédias, ao mesmo tempo. (31)

A "Paulicéia Desvairada" é o livro esperado de Mário de Andrade, "sarcástico e lyrico" evocador de todas as emoções da grande urbe, o doloroso e irônico condensador emocional da modernidade citadina, onde o "jazz-band" estridula, pondo lascívia nas espinhas descobertas dos demônios divinos que nos desvairam, e onde a fome ulula em ventres cavados, nas oficinas fumarentas dos acarvoaçados bairros obreiros. (32)

23. COELHO, Nelly Novaes. Tres Momentos Poéticos. São Paulo, Conselho Estadual de Cultura, Comissão de Literatura, 1965. p. 150.
24. CÉSAR, Guilherme. Vinte Anos de Poesia: Leituras da Semana.
25. FAUSTO, Boris. Trabalho Urbano e Conflito Social. (1890-1920) São Paulo - Rio de Janeiro, Difel, 1976, p. 19.
26. Ibidem, p. 19.
27. Ibidem, p. 19.
28. Ibidem, p. 18 e 19.
29. ANDRADE, Mário. Poesias Completas. p. 49.
30. LIVROS & REVISTAS. Paulicéia Desvairada. Mário de Andrade. Typografia da Casa Mayença, São Paulo, p. 13.
31. O CORREIO PAULISTANO . 25/08/1922.
32. CÉSAR, Guilherme. Vinte Anos de Poesia: Leituras da Semana.

3. PAISAGEM Nº 4

Neste poema, Mário descreve a prosperidade de São Paulo motivada pelo produto agro-exportador - o café, seus problemas resultantes dos períodos de esplendor e decadência, o papel do imperialismo inglês diante de nossa dependência estrutural, enfim toda imprevisível atuação do café no mercado nacional e internacional.

Os caminhões rodando, as carroças rodando, rápida as
ruas se desenrolando.

rumor surdo e rouco, estrépido estalidos...

E o largo côro de ouro das sacas do café...

Na confluência o grito inglês de São Paulo Railway...

Mas as ventanias da desilusão! a baixa do café...

As quebras, as ameaças, as audácias superfinas!

Fogem os brasileiros para o lar!... Cincinato Braga!

Muito longe o Brasil com seus braços cruzados...

Ah!! as diferenças maternas!

A economia brasileira sustentada por um mercado produtor e exportador - o café, depende do mercado externo para sua expansão. Sua atuação desde a produção até o consumo é fator indispensável para o desenvolvimento econômico do país, o qual decorre do financiamento não somente da produção, mas da comercialização e da exportação do café. Estas operações financeiras, embora realizadas no próprio país, através de bancos e firmas comerciais, mesmo de procedência nacional são mono

polizadas pelos capitalistas estrangeiros, os quais obtêm seus lucros por intermédio deste mecanismo, * (33) acarretando cada vez mais o aumento da dependência econômica do Brasil.

O capital britânico penetrou no país para realizar também inversões privadas destacando-se as ferrovias. Os britânicos construíram durante longo período a São Paulo Railway, famosa pela sua lucratividade, para escoar o café do interior para Santos.(34) E, apesar de dominarem todas as condições externas, não penetraram na produção do país, devido as fortes oscilações de preços no mercado habilmente aproveitados pelo capital comercial e financeiro inglês. Assim, investir em fazendas não era recomendável, os lucros bem maiores eram obtidos nos investimentos como intermediários. (35)

Na economia agro-exportadora, os antagonismos entre o predomínio e hegemonia em âmbito nacional e sua dependência do capitalismo externo reflete profundamente no quadro econômico, concorrendo para uma constante oscilação do produto cafeeiro na Primeira República.

Os caminhões rodando, as carroças rodando, rápida as
ruas se desenrolando,
rumor surdo e rouco, estrépido, estalidos...
E o largo cômico de ouro das sacas do café!...

Lutar!

A vitória de todos os sozinhos!...

As bandeiras e os clarins dos armazéns abarrotados...

Hostilizar!... Mas as ventanias dos braços cruza
dos!...

As crises econômicas decorrentes da superprodução tornam-se uma constante neste período, abalando as estruturas do país. Os cafeicul

* Mecanismo: financiamento, comercialização e exportação.

tores protestam e solicitam intervenção governamental, já que os preços internacionais sofrem uma baixa e a taxa de câmbio se eleva. Diante da grave situação, os grupos internacionais assumem o controle das operações de financiamento e comercialização do café, obtendo grandes lucros. (36) O governo federal para não perder o controle sobre a política econômica nacional resolve aceitar a política de valorização do produto, imposta indiretamente pela burguesia cafeeira, a qual afirmava sua hegemonia como classe dominante. (37) Apoiada por bancos estrangeiros, esta burguesia "assegurou a continuação da acumulação da economia cafeeira, que era o núcleo do desenvolvimento capitalista no Brasil". (38) Desta forma, a política de valorização do produto cafeeiro consegue defender o setor hegemônico da economia brasileira das constantes crises provocadas pela baixa de preços no mercado internacional e pela superprodução. (39)

E o coração com os próprios dedos!

Muitíssimo presidenciais, para trás!

Ponhamos as (victórias) colares de presas inimigas!

Enquilhendemq-nos de café cereja!

Taratá e o peau escárnio para mundo!

Oh! este orgulho máximo de ser paulistanamente! (40)

A Primeira Guerra Mundial provocou uma nova crise na economia cafeeira:

A retração dos mercados europeus aumentou o poder de pressão do setor de consumo norte-americano que pode forçar a baixa de preços. A acumulação de estoques não vendáveis determinou que o Governo Federal adotasse uma orientação inflacionária a fim de atender os empréstimos requeridos pelo Estado de São Paulo, onde foi fundada a Bolsa Oficial do Café em Santos (1914). O fim do conflito abriu um curto período de elevação dos preços que foi interrompido pela crise de 1920 - 22. Pressionado pelos governos paulista e mineiro, que representavam os interesses dos cafeicultores, Epitácio Pessoa (1919-1922) recorreu novamente às emissões do papel-

moeda, interveio no mercado para garantir os preços e negociou um empréstimo com banqueiros ingleses para atender à nova valorização do café em 1921.(41)

A partir de 1922, começou a crescer a oposição à política de favorecimento dos produtores de café:

Os representantes de outros interesses econômicos, cuja expansão fora facilitada pela Primeira Guerra Mundial, principalmente a burguesia industrial e pecuarista, começaram a pressionar o Governo Federal no sentido de promover melhor a divisão dos incentivos fiscais. Essa insatisfação manifestou-se sobretudo nos ataques à Política do Café com Leite e constituiu um dos elementos mais importantes para a eclosão do Movimento de 1930.(42)

Na "Paulicéia Desvairada", arraigado no solo paulista canta do com paixão, já explode aqui e ali o grito universal do drama humano... As alegrias, desejos, dores, grandezas, ambições, lutas, vícios, pequenezas e vitórias do Homem eterno ali se ocultam no orgulho máximo de ser paulistanamente. (43)

O nacionalismo de Mário de Andrade sendo linha política, "não surge com conteúdo partidário, como já disse. É o nacionalismo sincero, sentimental, nacionalismo que era a continuação do regionalismo também sincero", (44) expresso na preocupação com a atualização da inteligência artística brasileira e com a estabilização de uma consciência criadora nacional.

33. COELHO, Nelly Novaes. Tres Momentos Poéticos. São Paulo, Conselho Estadual de Cultura, Comissão de Literatura, 1965.
34. JUNIOR, Caio Prado. História Econômica do Brasil. 21ª ed. São Paulo, Editora Brasiliense, 1978. p. 272.
35. HISTÓRIA GERAL DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA. O Brasil Republicano III. (Estrutura de Poder e Economia). 2ª ed. São Paulo, Difel, 1977. p. 366.
36. Ibidem, p. 367.
37. SILVA, Sérgio. Expansão Cafeeira e Origens da Indústria no Brasil. São Paulo, Editora Alfa - Omega, 1976. p. 67.
38. Ibidem, p. 67.
39. FORJAZ, Maria Cecília Spina. Tenentismo e Política. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.
40. ANDRADE, Mário. Poesias Completas. p. 51.
41. ALBUQUERQUE, Manuel Maurício. Pequena História da Formação Social Brasileira. Rio de Janeiro, Edições Graal Ltda., 1981. p. 445.
42. Ibidem, p. 445 e 446.
43. COELHO, Nelly Novaes. Tres Momentos Poéticos. São Paulo, Conselho Estadual de Cultura, Comissão de Literatura, 1965.
44. BASTOS, Humberto. Os Tres Ciclos da Poesia de Mário de Andrade. Copyright dos "Diários Associados". 07/05/1943.

4. ODE AO BURGUES

É a "Paulicéia Desvairada" tanto mais um livro de combate que de poesia, não que deixe de conter poesia, e poesia profunda, vinda do íntimo e vinda da terra, poesia virgem e inquieta, que leva consigo toda personalidade e não o simples devaneio. Mas acima disso é um livro que rompe barreiras, que arrasta ou que afasta os tímidos, ignora onde termina a blaque, onde principia a seriedade." (45) Sua arte veio, sempre até nós, embebida por uma forte preocupação do social, o escritor tão aparentemente individualista vive mergulhado no estudo dos problemas sociais . (46)

É um livro revolucionário, indicador de uma nova luz para a poesia nacional, onde encontramos um certo sabor nacionalista ainda vivo nas diversas composições. (47) O livro canta:

A cidade de São Paulo, seus vícios e vaidades, sua população de sangue misturado e a fala heterogênea. Satiriza a burguesia e os políticos, assinala a existência do povo das fábricas, fere a aristocracia paulistana e abala o tradicionalismo de sua sociedade mais alta. (48)

O Decênio Vinte da Primeira República foi um período de:

Busca, de agressiva e escandalosa busca, de direções estéticas capazes de dar à literatura e às demais manifestações do espírito brasileiro, um caráter moderno, completamente descompromissado com soluções anteriores, e ao mesmo tempo um caráter autenticamente nacional. (49)

A acumulação de capital resultado das exportações do café, pro

pícia a consolidação da indústria neste período provocando transformações em sua superestrutura. O desenvolvimento do sistema capitalista altera o quadro das relações (sociais) de produção, dando origem a formação de novas classes sociais. Estas transformações repercutem intensamente nas classes dominantes e dominadas. A hegemonia dos senhores de terra sofre alteração devido à expansão capitalista, surgindo uma burguesia ascendente, originária da aristocracia rural, enquanto que a classe trabalhadora formada pelos colonos, categorizados como assalariados, substitue os escravos.

Caracteriza-se este Decênio pelo predomínio e hegemonia de uma classe social - a burguesia. No plano econômico, político, social, o exercício dessa hegemonia desenrola-se num clima de atritos, de jogos de interesses voltados para a produção nacional. A economia sustentada por um mercado produtor e exportador, depende do mercado externo para sua expansão e o poder hegemônico detem em suas mãos todos os poderes, recebendo do apoio do Estado na luta pela valorização do produto cafeeiro.

Na economia agro-exportadora, os antagonismos entre o predomínio e hegemonia agrária em âmbito nacional e sua dependência do capitalismo externo são fatores suscetíveis de relevância. A interdependência destes aspectos reflete profundamente no quadro econômico, concorrendo para uma constante oscilação do produto cafeeiro na Primeira República. Estes antagonismos inerentes do próprio sistema, constituem sem dúvida, o ponto crucial na realização de um exame crítico desta economia, cuja relação de interdependência produz sérias consequências na economia nacional. (50)

Dentro deste contexto, a extensão da predominância da burguesia cafeeira e as crises de sua hegemonia, podem ser destacados em dois períodos: A primeira fase: 1920-1924, caracteriza-se no plano político, pelos atritos entre São Paulo - Minas Gerais e as oligarquias secundárias, enquanto que no econômico, os cafezais desenvolvem-se com a ajuda da política de valorização. A segunda fase: 1924-1930, no plano político,

os desentendimentos entre as oligarquias diminuem havendo no final a ci são entre São Paulo - Minas Gerais. Por outro lado, a expansão cafeeira atinge seu clímax e o esquema de defesa permanente do produto sofre alte ração, transformando-se em defesa permanente sob a responsabilidade do Estado. (51)

O principal poema desta obra "Ode ao Burguês" focaliza um as pecto da problemática social do Brasil na Primeira República, a qual re trata a ascensão da burguesia como resultado da mudança das relações ca pitalistas vigentes.

Eu insulto o burguês! o burguês níquel, o burguês-
burguês!

A digestão bem feita de São Paulo!

O homem-curva! o homem nádegas!

O homem que sendo francês, brasileiro, italiano,

É sempre um cauteloso pouco-a-pouco!

O sistema político do Império, organizado em função dos in teresses escravistas dominantes, representava um obstáculo à ascensão da burguesia e da pequena burguesia:

Na medida em que o desenvolvimento das forças produ-
tivas, notadamente na antiga Província de São Paulo, no Nor
deste e limitadamente, no Extremo Norte, tornava hegemônica
a importância dos interesses capitalistas, o conflito radica
lizou. Com a relativa rapidez foram esperados as etapas re
formistas, sobretudo a que pretendia implantar o federalis
mo, conservando embora o sistema político monárquico. O Fede
ralismo Republicano garantiu a dominância dos interesses re
gionais, sem colocar em risco a hegemonia do Sudoeste cafeei-
cultor, cujo polo liderante se localizava em São Paulo. A
queda da Monarquia passou a condição prioritária para que a
burguesia pudesse assegurar, pelo controle do poder, as faci
lidades de crédito de que necessitavam, a execução de uma po
lítica imigratória mais agressiva, melhores condições para a
importação de maquinaria e vários outros incentivos essenci
ais do desenvolvimento capitalista. Posteriormente o setor

industrial ressentia-se da falta de maior apoio do Estado voltado principalmente para a produção agrária e nesta, para a defesa dos proprietários de terras e de escravos. O esforço para a derrubada do Império, unificou as correntes oposicionistas conferindo-lhe certa coerência conjuntural. No entanto, após a Proclamação da República, emergiu com a clareza a oposição, manifestada na luta pelo controle do poder, entre os grupos favoráveis a uma política industrializante e os que desejavam manter o quase exclusivismo da produção agrária primário-exportadora. Apesar disso, entre 1890 e 1914, instalaram-se quase sete mil estabelecimentos industriais, em sua quase absoluta maioria destinados à produção de bens de consumo. (52)

Em fins do Império, a burguesia já dominava o controle da máquina estatal de São Paulo e a dependência do capitalismo inglês marcava sua presença no interior da classe burguesa. (53) A economia cafeeira incentivava o aumento dos preços, devido a grande procura externa, enquanto que a oferta mantinha-se de forma irregular. E diante das oscilações do produto do café e a intensa procura externa, os preços internacionais se multiplicaram. (54)

A burguesia rural paulista fôra uma das responsáveis pela derrocada estrutural da Monarquia, juntamente com os produtores mineiros e fluminenses, ela controlou o poder federal quase continuamente até 1930. (55)

A mudança que se verificou em 1889, na estrutura jurídica-política da Formação Social Brasileira, resultou fundamentalmente da dominação das relações capitalistas:

O desenvolvimento destas últimas produziu, a partir da década de 70, uma assimetria na estrutura social brasileira. Os setores escravista que detinham maior participação no controle do aparelho do Estado começaram a enfrentar uma contestação cada vez mais forte dos representantes da burguesia capitalista e da pequena burguesia. A concessão de leis abolicionistas, como parte de um projeto de extinção do uso da força de trabalho servil, a defesa de uma indenização obtida através do Estado, foram feitos pertinentes que indicavam, a

um tempo, declínio das relações de produção escravistas e as tentativas dos proprietários, delas dependentes, de se capitalizarem, pela solução abolicionista. (56)

A partir das "transformações produzidas na Formação Social Brasileira pela Primeira Guerra Mundial (1914-1918), a dominância dos setores agrários começou a declinar em benefício da burguesia industrial e financeira cuja hegemonia se tornou incontestável a partir da revolução de 1930". (57)

A implantação da República não pressupôs nenhuma mudança significativa:

No plano das relações de dependência que a estrutura econômica brasileira mantinha com o Capitalismo Internacional. Apenas registrou-se o aumento gradual e constante da importância da articulação com a Formação Social Norte-Americana que terminou por suplantar a anterior dominação inglesa. (58)

Ao ser Proclamada a República, a província de São Paulo já ocupava o primeiro lugar na produção do café, seguido por Minas Gerais e Rio de Janeiro. (59) Neste período, a economia agro-exportadora atinge uma fase de grande prosperidade, concorrendo para o surgimento de:

Uma nova classe assentada em relações capitalistas de produção, com consciência de seus interesses e um projeto de estruturação política do país. Esta classe teria um caráter acentuadamente regional, tanto pela vigência de relações capitalistas restritas à área de São Paulo, como por suas conexões diretas com os diferentes grupos externos. (60)

A "burguesia mercantil" é composta na maior parte de estrangeiros, enquanto que a financeira e industrial são preponderantemente formada por brasileiros. Esta camada é constituída principalmente de portugueses, que vem instalar-se no comércio importador. Orientados para uma vida dura de economia e de poupança, patrões e caixeiros formam um mundo à parte, onde casamentos representam muitas vezes a ascensão dos menos

favorecidos. O fato de aqui chegarem pobres e se enriquecerem, leva a população a invejá-los e geralmente de acusá-los de ganhar fraudulentamente. (61)

Eu insulto as aristocracias cautelosas!

Os barões lampeões! os condes joões! os duques zurros!

que vivem dentro de muros sem pulos

e gemem sangue de mil réis fracos

para dizerem que as filhas da senhora falam o francês e tocam o "Printemps" com as unhas!

Durante a República Velha, as oligarquias agrárias ampliam seus domínios. A sua formação é variada, mas a característica fundamental é a posse da terra, base da produção para o mercado externo e a única forma que permite a grande exploração do trabalho e acumulação de riquezas. O predomínio absoluto da classe é contestada de várias formas, entretanto por meio de alianças ou por força ela consegue suplantar os momentos incertos. "... O pensamento antiliberal e autoritário a faz desconfiar de todas as ideologias, defendendo a hierarquia e a autoridade. (...). (62)

A crise no Vale do Paraíba propicia a fuga da velha aristocracia rural para as cidades, onde reforça as camadas da pequena burguesia; por outro lado os trabalhadores da terra também vão para as cidades aumentando o número da mão-de-obra operária. Entretanto esta decadência dos segmentos da aristocracia não significaria total estagnação econômica e perda de prestígio político, uma vez que é de suas camadas que saíram vários políticos da Primeira República e do Oeste Paulista que saíram a maior parte de capitais para a industrialização de São Paulo. A camada mais dinâmica dos fazendeiros dedica-se as atividades industriais, comerciais, e bancárias, transformando numa forma organizatória paralela a das cidades. (63)

As sucessivas crises da economia cafeeira, sustentáculo da

vida Republicana, haviam por volta de 1920, abalado o prestígio social da aristocracia rural paulista. Contrapontando com esse quadro de decadência, expande-se o processo de industrialização. Em consequência, a pequena burguesia:

Que assomara à cena política no início da República, mas tivera travada a sua marcha para a conquista do poder político, começa novamente a dar sinais de inquietação. Dividida, a grande burguesia não vê os problemas que a desafiam; o segmento industrial hostiliza o segmento agrário, que controla o poder político. A fundação, em 1916, do Partido Democrático de São Paulo, para se contrapor ao velho Partido Republicano Paulista (PRP), órgão da oligarquia rural, espelha essa dissidência. (64)

Durante a República Velha, as oligarquias agrárias dominam o poder. Campos Sales é quem:

"... Teoriza politicamente o reinado da oligarquia, criando a "política dos governadores". Num país cuja população agrícola superava grandemente a das cidades e cuja estruturação social e política funcionava na base dos latifúndios (coronéis) sobre a grande massa de agregados e dependentes; em que os coronéis se organizavam sob liderança de um chefe regional, o qual por sua vez era elemento proeminente do Partido Republicano Estadual; em que o resultado eleitoral não era surpresa, pois além da ligação do votante com os coronéis, a violência e o voto aberto coagiam os eleitores em suas manifestações. (...). (65)

Eu insulto o burguês funesto!

O indigesto feijão com toucinho, dono das tradições!

Fora os que algarismam as manhãs!

Fará Sol? Choverá? Arlequinal!

Mas à chuva dos rosais

o êxtase fará sempre Sol!

Morte à gordura!

Morte às adiposidades cerebrais!

Morte ao burguês-mensal!

ao burguês-cinema! ao burguês-tílburi!

Padaria Suíça: Morte viva ao Adriano!

" - Ai, filha, que te darei pelos teus anos?

- Um colar... - Conto e quinhentos!!!

Mas nós morreremos de fome;"

A aplicação de capitais estrangeiros na economia-agro-exportadora provoca transformações na plantação do café e altera o quadro das relações (sociais) de produção. Com o surgimento da burguesia cafeeira:

Formada por pioneiros deste empreendimento, que não se limitavam a dirigir e organizar plantações; exerciam também funções em bancos as novas plantações e a modernização de seus equipamentos. As casas de exportação crescem nas cidades, centralizando toda produção de café, e a aplicação de capital neste setor propicia o surgimento dos primeiros bancos brasileiros. Essa burguesia de todos os poderes, que desempenham diversas funções nas empresas, exercem os principais cargos no aparelho do Estado seja a nível nacional e estadual. (66)

No capital cafeeiro encontram-se os mais variados aspectos - "ele apresenta ao mesmo tempo as características do capital agrário, do capital industrial, do capital bancário e do capital comercial". Esses diferentes aspectos:

Correspondem a diferentes funções do capital e tendem, com o desenvolvimento do capitalismo a constituírem funções relativamente autônomas, preenchidas por capitais diferentes - o capital agrário, o capital industrial, etc. - e funções de classe particulares (a burguesia agrária, a burguesia industrial, a burguesia comercial, etc.). Na economia cafeeira, caracterizada por um grau ainda fraco de desenvolvimento capitalista, essas diferentes funções são reunidas pelo capital cafeeiro e não definem (pelo menos diretamente) frações de classe relativamente autônomas: não havia uma burguesia agrária cafeeira, uma burguesia comercial, etc., mas uma burguesia cafeeira exercendo múltiplas funções. (67)

O desenvolvimento do capital cafeeiro desde a segunda meta

de do século XIX, dividem-se em duas partes; grandes capitais e médios capitais:

À sua base, contudo, encontra-se a estrutura do capital cafeeiro. Os grandes capitais - isto é, a camada superior da burguesia cafeeira - definiam fundamentalmente uma burguesia comercial. Os médios capitais - isto é, a camada inferior da burguesia cafeeira - definiam sobretudo uma burguesia agrária, cuja fraqueza (resultante do fraco desenvolvimento do capitalismo ao nível de produção) a aproximava de uma simples classe de proprietários de terra. (68)

A realidade é que não há uma divisão entre o capital comercial e o capital agrário. Os maiores "produtores" de café e as grandes produções pertencem ao grande capital, portanto sua distinção é teórica. (69) A preponderância do capital comercial é resultado do fraco desenvolvimento das relações capitalistas no Brasil. A dominação do capital é aplicada pela posição ocupada pelo país no panorama da economia mundial, cujo efeito do desenvolvimento das relações capitalistas internacionais manifesta-se por uma dependência em relação ao mercado mundial. Portanto, essa dependência reforça o papel do comércio e da economia brasileira. (70)

Come! Come-te a ti mesmo, oh! gelatina pasma!

Oh! purês de batatas morais!

Oh! cabelos nas ventas! oh! carecas!

Ódio aos temperamentos regulares!

Ódio aos relógios musculares! Morte e infâmia!

Ódio à soma! Ódios aos secos e molhados!

Ódios aos sem desfalecimento nem arrependimentos, sempiternamente as mesmices convencionais!

De mãos nas costas! Marco eu o compasso! Eia!

Dois a dois! Primeira posição! Marcha!

Todos para a Central do meu rancor inebriante!

O movimento Modernista aristocrático por essência, "pelo seu

caráter de jogo arriscado, pelo seu espírito aventureiro ao extremo, pelo seu internacionalismo modernista, pelo seu nacionalismo embrabecido, pela sua gratuidade anti-popular, pelo seu dogmatismo prepotente", provocou temor a alta e pequena burguesia. (71) E a Semana de Arte Moderna, que constituiu no "brado coletivo deste movimento dava o primeiro golpe na pureza do nosso aristocracismo espiritual". (72)

Movimento urbano, citadino, de burgueses contra burgueses, exaltador de um nacionalismo que chegou a gerar um arremedo de Fascismo, esse movimento modernista, de 22, procurou sobretudo libertar-se de preconceitos ridículos de sua própria burguesia congelada em formas esteriotipadas no romance, poesia, conto, etc, o que explica o caráter estético de suas arremedidas iniciais. (73) A Semana de Arte havia sido uma bomba cuidadosamente aplicada com o fim de estourar o dogmatismo burguês, a antropofagia visava deglotir e devorar os destroços do dogmatismo. O poeta se alimentava gostosamente dos pedaços de burgueses "que por aí se encontrava. (74) E apesar de possuir várias conotações, a "Semana de 22, não foi essa coisa formal, morta, que anda aparecendo nos livros, foi algo de muito vivo, um grito, um berro, uma esculhambação". (75)

Uma "espécie de bomba do tempo para derrubar o muro jogada com alegria. Queríamos irritar o burguês, ou como dizia Mário, "o burguês "literário". As nossas letras, eram feitoradas por gramáticas caturas. E foi Mário com sua obra corajosa, que nos salvou dessa impossível ingerência". (76) A verdade é que a estética de 1922, "obedece ao descompromisso com o ante-popular, isto apareceu na forma de "apater le bourgeois" da ótica oligarquia, um retrato cujo aluguel foi pago pelo benesse de latifúndio". (77)

Como sinal de inquietação brasileira e desejo de romper com

* Sim, o poeta odiava o bom burguês que lia Biliac e era sempre um "cauteloso pouco a pouco", mesmo em assuntos de artes. Cf. Estado. Suplemento Literário. 17/02/1962.

o passado, para criar uma arte e uma literatura liberta de toda influência estrangeira, o movimento modernista surpreendeu a todas as inteligências:

Os artistas, pensadores e homens de letras, que se filiaram à correntes modernistas, não quiseram apenas demonstrar a sua idiossincrasia aos deuses helênicos, aos pastores romanos, as medidas poéticas dos árcades ou as regras infalíveis de Boileau. Era necessário criar uma vida intelectual em harmonia com os novos ritmos da civilização, que se caracteriza pelo predomínio das máquinas, do cimento e dos altos fornos. (78)

Com a Semana de Arte Moderna, certas linhas mestras se desenhavam na evolução da literatura brasileira através da atualização da técnica, das primeiras manifestações nacionalistas, e curiosidade pelas coisas do país. Seus representantes vão dar as suas obras um relevo nacionalista, ora de espírito, ora de forma, reflexo da alma coletiva que acorda paralela a uma tomada de consciência pessoal. (79)

Caracteriza-se o movimento pelo descobrimento da realidade brasileira, o inesperado encontro com a Terra e com o Homem, a ruptura da crôsta europóide da civilização litorânea: "Máscaras abaixo, Brasil nu, clamando sua verdade atrás de sua alma, buscando a si mesmo!" (80) O tema deu motivo a nova literatura, conseqüentemente forçou a carregar esse aspecto, acabou desfigurando a realidade, porque esquecia o lado mais importante no processo sociológico o crescer do mecanismo econômico, que propõe a civilização nas áreas mais avançadas, onde aumentava o proletariado industrial e se formava a base para novas ideologias socialistas. (81) E o modernismo assume compromisso com tendência estética e ideológica externas. (82) Começava nesta época portanto, a criar-se condições de receptividade, em setores de massa, para ideologias que nada significaram no curso do nosso processo histórico. (83) O modernismo não é pois um acontecimento, é antes de tudo um processo histórico, e como tal suas manifestações só podem ser estudadas numa articulação de causas e conse

quências muitas delas inclusive fora do campo literário. (84)

Ódio e insulto! Ódio e raiva! Ódio e mais ódio!

Morte ao burguês de joelhos,
cheirando religião e que não crê em Deus!

Ódio vermelho! Ódio fecundo! Ódio cíclico!

Ódio fundamento, sem perdão!

Fora! Fu! Fora o bom burguês!... (85)

Os representantes da Semana de Arte Moderna encontravam-se divididos: Dona Olívia Guedes Penteado, Rubens Borba de Moraes, Paulo Prado pertenciam a aristocracia rural enquanto que Sérgio Millet, Oswald de Andrade, Guilherme de Almeida, etc, cumpunham a alta burguesia urbana, que:

Agitara como autêntica aristocracia de espírito refinado, apta a contrariar os preconceitos do gosto polido, a estimular as novidades e as audácias superfinais do pensamento, que se transforma, posto que já usufruiu plenamente da ascensão que em geral é objetivo da burguesia. (86)

Paulo Prado, ao mesmo tempo que um dos expoentes da aristocracia intelectual paulista, uma das figuras principais da nossa aristocracia tradicional:

Não da aristocracia improvisada do Império, mas de outra mais antiga, justificada no trabalho secular da terra e oriunda de qualquer salteador europeu, que o critério monárquico do Deus-Rei já amancebara com a genealogia. E foi por tudo isto que Paulo Prado pode medir bem o que havia de aventureiro e de exercício do perigo, no movimento, e arriscar a sua responsabilidade intelectual e tradicional na aventura. (87)

A burguesia nunca soube perder. "Si Paulo Prado, com a sua autoridade intelectual e tradicional, tomou a peito a realização da Semana:

(88) Abriu a lista das contribuições e arrastou atrás de si os pares aristocratas e mais alguns que a sua figura dominava, a burguesia protestou e vaiou. Tanto a burguesia de classe como a do espírito. E foi no meio da mais tremenda asuada, dos maiores insultos, que a Semana de Arte Moderna abriu a segunda fase do movimento modernista, o período realmente destruidor". (88)

Dona Olívia Guedes Penteado, que com o seu apoio, abrindo o salão, representa a abertura de uma brecha considerável na resistência dos novos valores artísticos que despontavam no país. (89) Paulo Prado era "um contraste vivo, ora vaidoso de sua origem, do seu passado, de sua condição social e financeira, de suas constantes viagens ao estrangeiro; ora manifestando desprezo real por estes mesmos privilégios, procurando revelar-se ao homem do povo quase invejando a vida humilde dos que lutam e desesperam para vencer". (90) Mas justamente os mais representativos desses nomes permaneceram solidários com a opinião da alta burguesia que passara então, a propósito da produção artística e literária posterior a 1930, a se chocar a escandalizar com a melindrosa frequência. (91)

45. VIDA LITERÁRIA. Mário de Andrade. Paulicéia Desvairada. Casa May
eiga. São Paulo, 1922.
46. Ibidem.
47. ALBUQUERQUE, Paulo Medeiros e. O Poeta Mário de Andrade. Estado
11/02/1942.
48. BRITO, Mário da Silva. Panorama da Poesia Brasileira. Rio de Janeiro -
neiro - São Paulo, Editora Civilização Brasileira SA, 1959.
49. AMORA, Antonio Soares. História da Literatura Brasileira. São Pau
lo, Editora Saraiva, 1974.
50. HISTÓRIA GERAL DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA. O Brasil Republicano III.
(Estrutura de Poder e Economia) 2ª ed. São Paulo, Difel, 1977.
p. 195.
51. Ibidem, p. 232.
52. ALBUQUERQUE, Manuel Maurício. Pequena História da Formação Social
Brasileira. Rio de Janeiro. Edições Graal Ltda. 1981. p. 442.
53. HISTÓRIA GERAL DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA. O Brasil Republicano III.
(Estrutura de Poder e Economia) 2ª ed. São Paulo, Difel, 1977.
p. 200.
54. Ibidem, p. 201.
55. ALBUQUERQUE, Manuel Maurício. Pequena História da Formação Social
Brasileira. Rio de Janeiro. Edições Graal Ltda. 1981. p. 443.
56. Ibidem, p. 441.
57. Ibidem, p. 442.
58. Ibidem, p. 442.

59. HISTÓRIA GERAL DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA. O Brasil Republicano III. (Estrutura de Poder e Economia) 2ª ed. São Paulo, Difel, 1977. p. 198.
60. Ibidem, p. 199.
61. CARONE, Edgard. A República Velha (1. Instituições e Classes Sociais) 3ª ed. São Paulo, Difel, 1975. p. 158.
62. Ibidem, p. 154.
63. Ibidem, p. 148 e 149.
64. Visão, 28/02/1972. Vol.40 nº 4. p. 104.
65. CARONE, Edgard. Revoluções do Brasil Contemporâneo. Coleção Buriti. 1965. p. 13 e 14.
66. SILVA, Sérgio. Expansão Cafeeira e Origens da Indústria no Brasil. São Paulo, Editora Alfa-Omega, 1976. p. 68 e 69.
67. Ibidem, p. 60.
68. Ibidem, p. 61.
69. Ibidem, p. 61.
70. Ibidem, p. 61.
71. Ibidem, p. 61 e 62.
72. ANDRADE, Mário. Aspectos da Literatura Brasileira. 4ª ed. Livraria Martins Editora S.A. 1972. p. 236.
73. Ibidem, p. 238.
74. PEQUENA ENCICLOPÉDIA DE CONHECIMENTOS GERAIS. Rio de Janeiro, Livraria José Olímpio Editora. 1964. Vol. II.

75. CARVALHO, Flávio de. Oswald de Andrade. Diário de São Paulo. Do
mingo. 21/11/1954. nº 7874.
76. HECKER, Paulo Filho. Rubens Borba de Moraes depõe sobre a Semana.
Estado. Suplemento Literário. 17/02/1962.
77. Ibidem,
78. FOLHA DE SÃO PAULO. 09/07/1978.
79. FREITAS, Bezerra de. História da Literatura Brasileira. Porto Ale
gre. Edição Livraria Globo. 1939.
80. ESTADO. 26/11/37. Sérgio Milliet.
81. MENEZES, Djacir. Evolução do Pensamento Literário no Brasil. Rio
de Janeiro, Edição da Organização Simões, 1954. Cap. XVI. (O Mo
dernismo).
82. Ibidem.
83. REVISTA DO IEB. USP. 1967. nº 2.
84. MENEZES, Djacir. Evolução do Pensamento Literário no Brasil. Rio
de Janeiro. Edição da Organização Simões. 1954. Cap. XVI. (O Mo
dernismo).
85. CHAVES, Flávio Louteiro. Aspectos do Modernismo Brasileiro. Porto
Alegre. UFRGS. 1970.
86. ANDRADE, Mário. Poesias Completas. p. 37.
87. O ESTADO DE SÃO PAULO. Suplemnto Literário. 27/07/1972. nº 761 p.4.
88. ANDRADE, Mário. O Movimento Modernista. Rio de Janeiro, Edição Ca
sa do Estudante. do Brasil, 1942. p. 29.
89. Ibidem, p. 30.

90. O CORREIO PAULISTANO. 10/01/1921.

91. O ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo, 27/02/1972. nº 761. p. 4.

92. ESTADO. 28/02/1937.

S. MÁRIO DE ANDRADE: PENSAMENTO, POESIA

A "História tem mostrado que o papel dos revolucionários é destruir um determinado estado e abrir caminho para a construção que vem atrás deles". (92) Na "Paulicéia Desvairada", seu grito de guerra já nos dá a marca do poeta que fugira ao destino de certos revolucionários: apenas para quebrar um status ultrapassado e abrir caminho para uma renovação que chega depois dele, feita pelos verdadeiros criadores". (93) O "ato criador de Mário é alicerçado em amor construtivo e não em ódio, desdém ou revolta. A sua revolta é de outra índole, é mais a ânsia por novas formas do que a reação contra as antigas". (94)

Mário consegue equilibrar a inteligência e o sentimento poético, adaptando-os e moldando-os ao sabor de sua inspiração. (95) O problema da forma de Mário é o resultado das experimentações que ele tem na poesia antiga. (96) Outro sinal marcante de sua obra:

É a intensidade da dor e da alegria que ele consegue transmitir em seus poemas. O sentido profundo das coisas, as auscultações mais íntimas do ser, tudo isso fundido em versos que só faltam gritar, dá aos poemas uma solução transcendental. (97)

Mário é o poeta que melhor simboliza este dilema do Modernismo: A luta entre a idéia e a forma, ou melhor a procura de solução dessa luta. Mário de Andrade, representa um pensamento que procura sua forma. Mário era ensaísta, poeta, pesquisador, produtor de obra de ficção de crítica literária e estudos do folclore. (98)

Para Mário "não há obra de arte sem forma e a beleza é um problema de técnica e forma". A poesia não é inspiração, sentimento, é também arte, trabalho. Verso livre não é a libertação de qualquer sistema, pois o verso livre é justamente aquisição de ritmos pessoais. (99)

Mário de Andrade jamais aderiu a certo setor irracional da poesia, preferindo uma atitude cautelosa e burguesa de gozador de instantes lúcidos e rotineiros. Mário preferiu a aventura total e sistemática da forma. (100) "... Mário é o poeta mais das palavras do que de idéias, mais da estética do que de filosofia, ele é dos que conservam maior unidade (...). (101)

A poesia de Mário possui tres ciclos; 1) regionalista; 2) nacionalista; 3) universalista; A Regional constitui uma fase tumultuada de trocadilhos, de onomatopéias, de estranhos neologismos, de contrastes verbais. Mário foi ótimo cronista nessa época, com olhos agudos sobre os ridículos da terra. A poesia Regionalista engloba os versos da Paulicéia Desvairada. Mário é poeta rebelado:

Contra a gramática, contra a ditadura da métrica e da rima, contra todas as ditaduras que pudessem atingir seu espírito. Foi um dos mais libertários do movimento daí carregar a glória de ter sido o caudilho da revolução literária modernista. (102)

Mário é principalmente um objetivo. Seu objetivismo, entretanto é pessoal e só dele. Mário vê, o que ninguém vê, porque ele vê tudo. Dissemos que Mário é um objetivo. Mas é um objetivo paradoxal, isto é, que toma a cidade em que vive aquilo apenas para lhe servir. É portanto um objetivo, na sensação, mas um objetivo se assim podemos nos explicar na expressão. (103)

"... Mário fala no imperativo econômico a exercer-se sobre a inteligência. Imperativo que não é fatalidade nem determinismo, mas seu jeição, gostos, porque vale pelos fins dos autores e não das obras. (...). (104)

Como um revolucionário, sua obra nos dá impressão de caos, de indisciplina punível pelos regulamentos bem comportados:

Não calculo até onde o modernismo deve ter influído para fazer Mário de Andrade um anti-burguês e um agitador, mas o germe do inconformismo estava nêle. A agitação modernista deu-lhe apenas larga oportunidade de manifestar-se. Não foi, portanto, a revolução que o fez revolucionário. Outros que participaram ativa e talvez falsamente do movimento já se recolheram como conzinha. Mário de Andrade continua. Com a mesma vivacidade. Com o mesmo calor de quem começa. Com a mesma desordem inicial, que não será difícil surpreender no seu estilo movediço, plástico, que se dobra sob o poder de sua mão de artesão consciente. Não vale nisto nenhuma incompatibilidade ou mesmo um longínquo gosto de paradoxo. O estilo de Mário de Andrade é um estilo de desordem, e no entanto, ele é de facto um artífice, um périto de seu métier. Do ponto de vista de uma técnica pessoal, ele é bem mais do que um detentor de uma originalidade estanque: é um inovador, que abriu novos caminhos e possibilidades novas aos que morriam sufocados pela rotina. É um bandeirante da literatura brasileira, paulista que desbravou nossos sertões literários. A realização de uma obra de conquista como esta custou-lhe, é certo, um alto preço. Desconfio mesmo que importou num prejuízo individual. Mas Mário de Andrade é generosamente um homem do tempo, a que êle se entregou com amor de abnegado. Não mediu mesquinamente as consequências de sua atitude. Deu-se à sua época, vendeu-se a sua arte. É um perdulário que se salvou do egoísmo sêco. Daí o sabor coletivista de sua obra. Ele não faz parte sozinho, fechado em copas. Antes, mergulha num perigoso sentido social, que constitui para êle todo um programa a cumprir. O caminho do artista - um aferidor de tendências com algo de profeta - há de ser o caminho do homem, e do homem coletivo: do povo. Mário de Andrade tem consciência desta verdade. E é por isto que ele se debruçou sobre a massa, dela conseguindo riquezas inestimáveis. É um clero no meio da multidão, um artista que saiu para a rua. E sem nenhuma intensão demagógica, o que é muito importante. (105)

No entanto, Mário de Andrade permanece um escritor de elite:

Não é um escritor fácil e possui também êle a sua noção preza agressiva. Mas nem por isso perde a sua qualidade de intérprete. Ainda se pode ver na insatisfação de todo um povo que não se manifesta por incapacidade adquirida. A arte de Mário de Andrade reflete na verdade a nossa época. Esta

carregada do espírito do mundo moderno, desse espírito eminentemente flutuante e ansioso. Pode ser que isto lhe quebre alguns de seus valores eternos. Pouco importa: se lhe faltasse a arte, restar-lhe-ia o heroísmo. (106)

Seria impossível exterminar por completo a obra de um escritor como Mário de Andrade:

A sua qualidade de mestre: dê "leader" impede este feito. As suas descobertas muitas vêzes aproveitam mais aos discípulos que a si próprio. Sempre uma altruísta, um largado nos braços de quem o recebe. Ele foi, para usar uma expressão de seu gosto, um arrombador de limites injustificáveis. Um renovador. E só as suas qualidades muito especiais lhe permitiram essa posição, qualidades essencialmente humanas. Tão humanas a ponto de lendo-o, não se vir a admirar, apenas um escritor, mas sobretudo um amigo que a sua contunente sinceridade sem meias tintas traz até nós. É preciso amá-lo para compreendê-lo. Não basta admirá-lo. Surge-nos então um escritor sem sombras, sem esconderijos capciosos, cheio de uma simpatia calorosa que nos conquista até a intimidade. Um homem sem reservas que não ilude; que não engana. A sua arma não é a ironia traiçoeira nem a prudência de quem não se arrisca. A sua arma é a bondade de "poder entrar sem pedir licença", de coração aberto a todos os pontos cardiais. Não é escritor de segredos, de mistérios indecifráveis. É antes, um escritor de confissões largadas, de largas confidências. (107)

Mário de Andrade foi fundador da escola modernista. Em 1917, publica "Há uma gota de sangue em cada poema". Poema de protesto anti-guerreiro com grande marco social (eram sonetos de feição parnasiana). Em 1920, escreveu a "Paulicéia Desvairada", que seria publicado em 22, obra poética e romanesca, crítica e epistolar. Mário de Andrade ficou sendo a figura mais representativa da vida intelectual do século XX, em pregando seu estilo dos coloquialismos populares, completava sua declaração de guerra ao academicismo. Além disso, a preocupação social revolucionária foi cada vez mais levando para os rumos de uma integração popular o espírito inicialmente "aristocrático", como ele próprio definiu em 1942, que vinte anos antes havia realizado uma revolução estética. (108)

Mário de Andrade foi também o símbolo da Revolução Modernista. Com a obra "Paulicéia Desvairada", em 1922, abre as portas de uma revolução poética, (109) e após quebrar as amarras com a tradição parnasiana, lançou-se às pesquisas estéticas totalmente desligado do passado, mas de modo renovadoras, preocupando-se em construir algo de novo e sólido, assim como a elaboração e emprego de uma língua exclusivamente brasileira. (110)

O poeta Mário não se inclinou para o nacionalismo e regionalismo. Foi um espírito marcado pela cultura universal, no plano da inteligência, pela solução do problema social na base da justiça universal no plano político, e pela constante preocupação com o problema religioso, da transcendência e da universalidade. (111)

Na etapa da evolução ideológica de Mário, a atualidade, a nacionalidade e a universalidade proporcionam condições para afirmar que toda essa mistura não contribuiu para o melhoramento político - social do homem. Mário apresenta o seu desgosto ao afirmar: "Se alguma coisa pode valer o meu desgosto, a insatisfação que eu me canso, que os outros não sentem assim na beira do caminho, espiando a multidão passar. Façam ou se recusem a fazer arte, ciência ofícios. Mas não fiquem apenas nisto, espões da vida, camuflados em técnicos da vida, espiando a multidão passar. Marchem com as multidões". (112) Mário apresenta o movimento de 1922, vinculado à Revolução de 1930, e afirma: "Os movimentos espirituais precedem sempre as mudanças de ordem social". (113)

Seu desvendamento ideológico só se completa quando são atingidas as raízes sociais. E o depoimento de Mário:

Não tenho a mínima reserva em afirmar que toda a minha obra representa uma dedicação fêlida a problemas do meu tempo e da minha terra. Ajudei coisas, maquinei coisas, fiz coisas, muita coisa! e no entanto me sobra agora a sentença de que fiz muito pouco, porque todos os meus feitos derivam duma ilusão vasta. E eu que sempre me pensei, me senti, mesmo sabiamente banhado de amor humano, chego no declínio da vida à convicção de que faltou humanidade em mim.

Meu aristocracismo me puniu. Minhas intenções me enganaram. Vítimado meu individualismo procuro em vão nas minhas obras, e também nas de muitos companheiros, uma paixão mais temporânea, uma dor mais viril da vida. Não tem. Tem mais é uma antiquada ausência da realidade em muito de nós. Estou repensando o que já disse a um moço... E outra coisa senão o respeito que tenho pelo destino dos mais novos se fazendo, não me levaria a esta confissão bastante cruel, de perceber em quase toda a minha obra a insuficiência do abstencionismo.(...).

(114)

Mário de Andrade assume posições na qual critica aos registros aristocratizantes de sua atividade e a de seus companheiros, por ele próprio apontados; o caráter propriamente político de sua conferência e a marca ideológica nacionalista. Sua preocupação consiste em ajustar contas com seu aristocracismo voltado para a estabilização de uma consciência criadora nacional. (115)

Em 1921 despejava sua crítica ao "burguês-burguês", aos "donos das tradições" e as "aristocracias cautelosas". Já em 1924, atentará ao nacionalismo dos voluntários da Pátria, sopiando irônicamente "esse ardor patriótico, esta baita paixão pelo Brasil". E em 1942, estará consciente de que se vivia um "idade política do homem", e a isso eu tinha que servir". (116)

A agressividade aos nacionalismo é depurada, sobrando o nacionalismo embutido, na preocupação com a atualização da inteligência nacional artística brasileira, e com a "estabilização de uma consciência criadora nacional". (117) A realidade é que não será a existência de traços naciolistas nas formulações de Mário que se eliminará a característica radical no que diz respeito à ruptura com o quadro social e cultural anterior. O radicalismo de Mário está na verificação das raízes ideológica de sua produção intelectual: parece estar situado no limite da consciência possível, no que dá o sentido de ruptura. Mário conhece sua participação de forma superficial aos problemas político-sociais da época. Acusa-se por ter sido um intelectual especialista na estética literária comportando-se como espiões da vida um verdadeiro

paradoxo em relação a luta pela problemática social. (118)

Mário era ruminante. Desconfiava do fácil e da própria facilidade. Era homem de pensar e repensar. A ele, pois, se adequava perfeitamente o papel de teorista documentado. Mário era homem de meditar (de "matutar" talvez ele preferisse) que é o ato de repensar o passado, o que implica os labores da análise. (119)

Na literatura, acreditamos que o passo decisivo em direção aos novos rumos foi dado a partir de Mário de Andrade. Pode-se dizer que nele se verificou o entroncamento das duas fases de nossa literatura: foi o desbravador dos caminhos que conduziram à fase atual, de plena efervescência, na qual se forja na linha nacional e como expressão majoritária, a nossa autonomia literária. (120) - Isso porque Mário de Andrade através uma atividade animada e incansável, dedicou quase toda a sua carreira artística a insistir na intransferível necessidade de fixação do escritor em seu aspecto social e de sua subordinação à técnica e aos motivos sugeridos pelo meio em que deve atuar. (121).

- 92 - COELHO, Nelly Novaes. Tres Momentos Poéticos. São Paulo, Conselho Estadual de Cultura, Comissão de Literatura, 1965. p. 139.
- 93 - Ibidem, p. 139.
- 94 - Ibidem, p. 143.
- 95 - BRANCO, Castelo Wilson. Variações sobre a poesia de Mário de Andrade. Mensagem. Belo Horizonte. 20/05/1943.
- 96 - Ibidem,
- 97 - Ibidem,
- 98 - CUNHA, Dulce Salles. Autores Contemporâneos Brasileiros. São Paulo, 1951.
- 99 - Ibidem.
- 100 - IVO, Ledo. Lição de Mário de Andrade. MEC. Cadernos da Cultura S/D.
- 101 - BASTOS, Humberto. Os Tres Ciclos da Poesia de Mário de Andrade. Copyright dos "Diários Associados", 07/05/1943.
- 102 - Ibidem.
- 103 - LIVROS E REVISTAS. Paulicéia Desvairada. Mário de Andrade. Casa Mayença. São Paulo.
- 104 - ESTADO. Mário de Andrade e os moços. 29/07/1943.
- 105 - RESENDE, Otto Lara. Mário de Andrade Continua.
- 106 - Ibidem.
- 107 - Ibidem.
- 108 - Ibidem.

- 109 - LIMA, Alceu Amoroso. Quadro Sintético da Literatura Brasileira.
2ª ed. Rio de Janeiro, Livraria AGIR Editora, 1959.
- 110 - Ibidem.
- 111 - FONTANA, Dino. Literatura Brasileira. (Síntese Histórica). 3ª ed.
São Paulo, Edição Saraiva, 1972. p. 235.
- 112 - MOTA, Carlos Guilherme. Ideologia da Cultura Brasileira. São Paulo,
Editora Ática, 1977. Ensaio 30 p. 106.
- 113 - Ibidem.
- 114 - Ibidem.
- 115 - Ibidem.
- 116 - Ibidem.
- 117 - Ibidem.
- 118 - Ibidem.
- 119 - ESTADO. Suplemento Literário 17/02/1962.
- 120 - LUCAS, Fábio. Mário de Andrade: O Compromisso Literário.
- 121 - Ibidem.

III. CONCLUSÃO

Ao atingirmos a etapa final desta pesquisa, constatamos que uma análise dialética de poemas, como o da "Paulicéia Desvairada" nos proporciona uma ampla abertura para o campo dos estudos históricos. É in discutível o valor e a beleza deste trabalho, uma vez que a "verdade" histórica é detectada através de poemas responsáveis por uma revolução literária.

Através desta pesquisa científica conseguimos compreender o significado da "Paulicéia Desvairada" na complexidade do momento histórico e o papel de Mário de Andrade na literatura brasileira, apresentando-se como um revolucionário que deu o seu grito de guerra através desta obra, deixando suas marcas no contexto histórico, político-social da Primeira República.

Observamos que além dos aspectos estéticos-literários serem de grande relevância, as transformações econômicas, as contradições sociais, a problemática da dependência cultural e o sentimento nacionalista, etc, se fazem sentir presente no seio dos poemas.

Concluimos que a obra da "Paulicéia Desvairada" analisada numa perspectiva crítica nos dão respostas não somente ao leque de indagações realizadas no aspecto estético-literário, mas principalmente as perguntas, cujos motivos de sua existência decorre das transformações no contexto histórico, político-social.

O fenômeno literário não pode ser compreendido se o examinarmos isoladamente, mas como parte de uma totalidade, haja visto que a história literária acompanha o desenvolvimento do processo histórico, ligan

do toda criação literária a própria história.

Os poemas da "Paulicéia Desvairada" não são apenas o estopim de uma revolução literária, mas resultado de fenômenos históricos que marcaram o primeiro decênio do século XX.

IV. BIBLIOGRAFIA

- 01 - ALBUQUERQUE, Manuel Maurício. Pequena História de Formação Social Brasileira. Rio de Janeiro, Edições Graal Ltda. 1981.
- 02 - AMORA, Antonio Soares. História da Literatura Brasileira. São Paulo, Editora Saraiva, 1974.
- 03 - ANDRADE, Mário. O Movimento Modernista. Rio de Janeiro. Casa do Estudante, 1942.
- 04 - ANDRADE, Mário. Aspectos da Literatura Brasileira. 9^a ed. São Paulo. Livraria Martins Editora, 1972.
- 05 - ANDRADE, Mário. Poesias Completas.
- 06 - ÁRVORE NOVA, Outubro de 1922.
- 07 - A TRIBUNA, Domingo, 24/02/1946.
- 08 - BASTOS, Humberto. Os Três Ciclos da Poesia de Mário de Andrade. Copyright dos "Diários Associados", 07/05/1943.
- 09 - BOSI, Alfredo. História Concisa da Literatura Brasileira, 2^a ed. São Paulo, Editora Cultrix, 1979.

- 10 - BRANCO, Castelo Wilson. Variações sobre a poesia de Mário de Andrade. Mensagem. Belo Horizonte, 20/05/43.
- 11 - BRITO, Mário da Silva. Panorama da Poesia Brasileira. Rio de Janeiro - São Paulo. Editora Civilização Brasileira S.A. 1959.
- 12 - CARONE, Edgard. Revoluções do Brasil Contemporâneo. Coleção Bu
riti, 1965.
- 13 - CARONE, Edgard. A República Velha. (1-Instituições e Classes So
ciais). 3^a ed. São Paulo, Difel, 1975.
- 14 - CARVALHO, Flávio de. Oswald de Andrade. Diário de São Paulo. Do
mingo, 21/11/1954, nº 7874.
- 15 - CESAR, Guilherme. Vinte Anos de Poesia: Leituras de Semana.
- 16 - CHAVES, Flávio Loureiro. Aspectos do Modernismo Brasileiro. Porto
Alegre. UFRGS. 1970.
- 17 - COELHO, Nelly Novaes. Três Momentos Poéticos. São Paulo, Conse
lho Estadual de Cultura. Comissão de Literatura. 1965.
- 18 - CUNHA, Dulce Salles. Autores Contemporâneos Brasileiros. São Paulo,
lo, 1951.
- 19 - ESTADO, 28/02/1937.
- 20 - ESTADO, 28/11/1937. Sérgio Muilliet.

- 21 - ESTADO, Mário de Andrade e os Moços. 29/07/1943.
- 22 - ESTADO. Suplemento Literário. 17/02/1962.
- 23 - FAUSTO, Boris. Trabalho Urbano e Conflito Social. (1890-1920).
São Paulo - Rio de Janeiro, Difel. 1976.
- 24 - FOLHA DE SÃO PAULO. 09/07/1978.
- 25 - FONTANA, Dino. Literatura Brasileira (Síntese Histórica). 3^a ed.
São Paulo, Edição Saraiva, 1972.
- 26 - FORJAZ, Maria Cecília. Spina Tenentismo e Política. Rio de Ja
neiro, Paz e Terra, 1977.
- 27 - FREITAS, Bezerra de. História Concisa da Literatura Brasileira.
Porto Alegre. Edição Livraria Globo, 1978.
- 28 - HECKER, Paulo Filho. Rubens Borba de Moraes depõe sobre a Sema
na. Estado. Suplemento Literário, 17/02/1962.
- 29 - História Geral da Civilização Brasileira. O Brasil Republicano III.
(Estrutura de Poder e Economia). 2^a ed. São Paulo. Difel, 1977.
- 30 - IVO, Ledo. Modernismo e Modernidade. Rio de Janeiro, Livraria
São José S/A.
- 31 - IVO, Ledo. Lição de Mário de Andrade. MEC. Cadernos da Cultura S/A.
- 32 - JUNIOR, Caio Prado. História Econômica do Brasil. 21^a ed. São Pau
lo, Editora Brasiliense. 1978.

- 33 - LIMA, Alceu Amoroso. Quadro Sintético da Literatura Brasileira. 2^a ed. Rio de Janeiro, Livraria Agir Editora, 1959.
- 34 - LIVROS & REVISTAS. Paulicéia Desvairada. Mário de Andrade. São Paulo, Typografia da Casa Mayença.
- 35 - LUCAS, Fábio. Mário de Andrade: O Compromisso Literário.
- 36 - MEDEIROS, Paulo e Albuquerque. O Poeta Mário de Andrade. Estado 11/02/1942.
- 37 - MARTINS, Wilson. A Crítica Literária no Brasil.
- 38 - MENEZES, Djacir. Evolução do Pensamento Literário no Brasil. Rio de Janeiro, Edição de Organização Simões, 1954. Cap. XVI (O Modernismo).
- 39 - MOTA, Carlos Guilherme. Ideologia da Culutra Brasileira. São Paulo, Editora Ática, 1977, Ensaio 30.
- 40 - O CORREIO PAULISTANO, 10/01/1921.
- 41 - O CORREIO PAULISTANO, 25/08/1922.
- 42 - O ESTADO DE SÃO PAULO. Suplemento Literário. São Paulo, 27/02/1922, nº 761.
- 43 - PEQUENA ENCICLOPÉDIA DE CONHECIMENTOS GERAIS. Rio de Janeiro, Livraria José Olímpio Editora, 1964. Vol. II.

- 44 - O Poeta Mário de Andrade. Sérgio Millet
- 45 - RESENDE, Otto Lara. Mário de Andrade Contínua.
- 46 - REVISTA DO IEB. USP. 1967. nº 2.
- 47 - REVISTA DO BRASIL. São Paulo - Rio de Janeiro. Jan - Abril.
- 48 - SILVA, Sérgio. Expansão Cafeeira e Origens da Industria no Bra
sil. São Paulo, Editora Alfa - Omega, 1976.
- 49 - VIDA LITERÁRIA. Mário de Andrade. Paulicéia Desvairada. Casa Ma
yença. São Paulo, 1922.
- 50 - VISÃO. 28/02/1972. Vol. 40. nº 4.
- 51 - O CORREIO PAULISTANO, 10/04/1921.
- 52 - O CORREIO PAULISTANO, 25/04/1922.
- 53 - O ESTADO DE SÃO PAULO. Suplemento Literário. São Paulo, 27/02/1922.
- 54 - PEQUENA ENCICLOPÉDIA DE CONHECIMENTOS GERAIS. Rio de Janeiro, Li
vros José Olympio Editora, 1964. Vol. III.

Reg: 2439